

FLORESTAN FERNANDES E OS CAMINHOS PARA A EMANCIPAÇÃO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS NO BRASIL

Eliane Veras Soares

Resumo

Esse artigo tem como objetivo destacar a relevância da obra de Florestan Fernandes para a construção de uma ciência social autônoma no cenário brasileiro, revelando o papel criativo do autor na aplicação e recriação de teorias clássicas. Em especial será focalizada a presença marcante de Marcel Mauss na pesquisa de reconstrução histórica da sociedade Tupinambá realizada por Fernandes na década de 1940.

Palavras-chave

Florestan Fernandes. Ciências Sociais no Brasil. Emancipação. Marcel Mauss.

FLORESTAN FERNANDES AND THE ROADS TOWARD THE EMANCIPATION OF SOCIAL SCIENCES IN BRAZIL

Abstract

This paper highlights the importance of Florestan Fernandes works for the making of an autonomous social science in the Brazilian context, emphasizing the his creative role in the use and reinterpretation of the Classical theories. In particular, we focus on the influence of Marcel Mauss in the research on the historical reconstruction of the Tupinamba society that Florestan Fernandes undertook in the 1940's.

Keywords

Florestan Fernandes. Social Sciences in Brazil. Emancipation. Marcel Mauss.

Eu me lembro que o Antonio Candido me disse: 'Florestan, vendo o seu trabalho a gente não tem inveja dos ingleses. Agora nós temos um livro para mostrar'.

Generosidade dele. Mas, de qualquer modo, para alguém que tinha vinte e sete anos, um livro como aquele não é brincadeira. Como aprendizagem, eu tive a oportunidade de ir muito longe (Fernandes 1978: 84).

A obra acadêmica do jovem Florestan Fernandes], definida pelo próprio autor como de período de formação, é constituída por uma trilogia elaborada a partir de sua pesquisa sobre os Tupinambá. Realizada originalmente com vistas à obtenção do título de mestre ("A organização social dos Tupinambá", 1948), esta pesquisa teve seu resultado desdobrado em tese de doutoramento ("A função social da guerra na sociedade Tupinambá", 1951) e, posteriormente, em tese de livre docência ("Ensaio sobre o método de interpretação funcionalista na sociologia", 1953). Com tais trabalhos, além de realizar uma análise sociológica do marco zero da história do Brasil, ao revelar como estavam estruturadas as sociedades nativas antes da chegada dos portugueses, o autor urdiu uma sólida formação no campo da pesquisa e da explicação teórica, atingindo um grau de reconhecimento e autonomia fundamental para a construção de um projeto de emancipação das ciências sociais brasileiras.

A reflexão que ora apresento tem como objetivo destacar a relevância dos trabalhos originais de Florestan Fernandes para a construção de uma ciência social autônoma, revelando o papel criativo do autor na aplicação e recriação de teorias clássicas. focalizando, aqui, a presença marcante de Marcel Mauss.

"Ver, através do microcosmo, os dilemas humanos e históricos do macrocosmo" (FERNANDES, 1978, p. 86). É desse modo que Florestan Fernandes estabelece um paralelo entre sua obra "A organização social dos Tupinambá" (FERNANDES, 1989) e o trabalho realizado por Marcel Mauss sobre os esquimós, "Ensaio sobre as variações sazonais das sociedades Esquimó" (MAUSS, 1974). A influência de Marcel Mauss, nesse caso, refere-se tanto ao método de investigação centrado na exploração de textos de cronistas quinhentistas e seiscentistas quanto à adoção da premissa

] Para uma apresentação da vida e da obra de Florestan Fernandes, ver H. Fernandes. Florestan Fernandes, um sociólogo socialista. In: H. Fernandes (compiladora). *Dominacion y desigualdad: el dilema social latinoamericano*. Bogotá: Siglo dei Hombre Editores y CLACSO, 2008. '

teórica segundo a qual não se estava a analisar apenas uma comunidade local, mas a civilização Tupi. Enquanto a noção de totalidade é fundamental na reconstrução proposta em "A organização social dos Tupinambá", na tese de doutorado, "A função social da guerra na sociedade Tupinambá", o problema central é explicar como a sociedade Tupi recriava continuamente o passado, promovendo a reprodução da ordem tribal. Nesse caso, a guerra é tratada como *fato social total* que explica o contínuo processo de reprodução social ao tempo em que se constitui no fio que liga as diversas dimensões da vida coletiva. Fernandes considerava haver demonstrado, por meio das duas teses acima referidas, que "éramos capazes de estudar as sociedades tribais, por nossa conta e com nossos meios, segundo os requisitos descritivos e interpretativos da ciência moderna" (FERNANDES, 1978, p.89).

Tal tarefa não era insignificante, o que pode ser constatado se levarmos em consideração que a criação dos primeiros cursos acadêmicos de ciências sociais no Brasil datam de 1933 e 1934, na Escola Livre de Sociologia e Política e na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, ambas na cidade de São Paulo-. Em pleno século XXI, considero que a reflexão sobre o modo pelo qual nossos autores clássicos estudaram a sociedade brasileira - a partir do uso criativo de teorias sociais distintas - pode ser útil para inspirar novas gerações a encontrar caminhos interpretativos originais que não se manifestem como mero processo de reprodução e colonização cultural. Seguindo essa linha de pensamento, Florestan Fernandes desponta como um autor exemplar e, no contexto de produção de suas primeiras obras, a influência de Marcel Mauss merece destaque.

O debate sobre a formação das ciências sociais no Brasil é extenso. Embora exista um consenso a respeito da relevância de Florestan Fernandes para a formação de uma sociologia científica e para a consolidação de

² Ao contrário da colonização espanhola que transferiu para o território americano as instituições vigentes na metrópole, entre elas, a universidade, a colonização portuguesa negligenciou tal formação, impedindo a criação de universidades e a publicação de jornais e livros. As universidades como tal só surgirão no Brasil na segunda década do século XX. Sobre as diferenças entre os processos de colonização espanhola e portuguesa na América ver S. B. Holanda, O sementeiro e o ladrilhador. *In*: S. B. Holanda. *Raízes do Brasil*, São Paulo, Companhia das Letras, 2001, pp. 93-138. Sobre a formação e o desenvolvimento das ciências sociais no Brasil ver F. Fernandes. *A Sociologia no Brasil: contribuição para o estudo de sua formação e desenvolvimento*. Petrópolis, Vozes, 1977.

um padrão definidor da atividade do pesquisador, situado em um país "periférico e dependente", as interpretações sobre o desenvolvimento da sua sociologia e sobre a formação do campo das ciências sociais no Brasil são diversas. A socióloga Silvia Gemignani Garcia (2002), por exemplo, analisa os "anos de formação" de Florestan Fernandes a partir da relação entre biografia e contexto sócio-político-intelectual que caracterizou o processo de modernização da cidade de São Paulo no início do século XX, dando ênfase àquilo que denomina como sua profunda adesão ao racionalismo. Em outra perspectiva interpretativa, a antropóloga Mariza Peirano (1992) procura explicar porque os livros de Florestan Fernandes sobre os Tupinambá têm sido "desprestigiados por muitos cientistas sociais como 'a fase funcionalista' do autor, freqüentemente ignorados pelos historiadores e, pelo próprio Florestan Fernandes, considerados como seu 'período de formação?'" (PEIRANO, 1992, p. 51). E, ainda que sejam considerados clássicos da literatura de ciências sociais, o próprio autor declara haver descoberto que clássicos não vendem no Brasil. Racionalismo, de um lado, e funcionalismo, de outro, são os registros a partir dos quais a obra inicial de Florestan Fernandes tem sido analisada.

Para Peirano, a releitura das obras primordiais de Florestan Fernandes sobre os Tupinambá proporcionou a redescoberta de Florestan Fernandes, a reavaliação da contribuição analítica e interpretativa desses livros em relação à antropologia contemporânea e o questionamento das "razões por que estes trabalhos nunca foram apreciados em sua verdadeira dimensão" (PEIRANO, 1992, p.51). A antropóloga realiza sua análise a partir de uma disputa disciplinar no campo das ciências sociais brasileiras, perguntando-se "por que os estudos de Florestan Fernandes sobre os Tupinambá não são abertamente reconhecidos como sua *fase antropológica*, ao invés de serem considerados exemplos *dafasefuncionalista* de sua *sociologia*" (PEIRANO, 1992, p.52, destaques da autora). A respeito da escolha do exemplo de uma "antropologia que não deu certo" para refletir sobre o desenvolvimento da antropologia no Brasil, a autora afirma que "esta abordagem se justifica na própria antropologia contemporânea, cuja literatura mostra fartamente como os limites e os tabus melhor ressaltam as características dos sistemas dos quais eles são excluídos" (PEIRANO, 1992, p. 52). A autora pretende esclarecer o aparente paradoxo presente no fato de a recepção da obra de Florestan Fernandes - cuja antropologia antecipou padrões atuais da

disciplina, característica salientada por Peirano como portadora modernidade/atualidade da obra - não haver contribuído para o desenvolvimento da própria antropologia no Brasil e, na razão inversa, sua sociologia haver alcançado notável influência na constituição de uma escola sociológica brasileira.

Minha proposta é deslocar a análise da problemática dos anos de formação de Florestan Fernandes. Tentarei argumentar aqui que esses trabalhos se constituem o ponto de partida de um projeto de emancipação das ciências sociais no Brasil, colocado em prática pelo sociólogo paulista e pelo grupo por ele liderado na cadeira de Sociologia I, entre 1954 e 1969, na Universidade de São Paulo. Assumindo o ponto de vista do próprio autor, entendo por projeto de emancipação a ênfase na produção local de trabalhos acadêmicos originais "segundo os requisitos descritivos e interpretativos da ciência moderna" (FERNANDES, 1978, p.89). Emancipação, portanto, é entendida aqui como autonomia científica dentro do campo das ciências sociais, objetivando contornos universais. Não resta dúvida de que as pesquisas acima referidas renderam muito mais do que dois livros e os títulos de mestre e doutor em ciências sociais a Florestan Fernandes; elas estão na base da formação de seu pensamento e este, por sua vez, é representativo do processo de consolidação de uma certa ciência social no Brasil', a inauguração de um estilo de pensamento e ação que buscou enfrentar de modo autônomo os desafios do seu tempo.

Neste ensaio, a chave acionada para penetrar na complexidade da obra de Florestan Fernandes é a influência de Marcel Mauss na conformação do seu horizonte sociológico. Esta escolha se fundamenta em algumas evidências relevantes. A primeira delas diz respeito à própria obra de Florestan Fernandes, uma vez que a sua utilização do método de interpretação funcionalista é fortemente inspirada na obra e nas reflexões do autor francês. O segundo grupo de evidências está relacionado às análises realizadas sobre a obra de Florestan Fernandes, muitas críticas a ele dirigidas partem de pré-concepções e desconhecimento em relação a sua forma de conceber o objeto de estudo da sociologia, os problemas sociológicos e as relações destes com

³ Octavio Ianni (2004) denomina o novo estilo de pensar a realidade social, inaugurado por Fernandes, de sociologia crítica. Antonio Candido (2001) refere-se a Florestan Fernandes como um pensador radical.

os diferentes métodos de investigação e interpretação sociológica', Também aí é possível perceber a influência de Mauss.

No terceiro e último capítulo da tese de livre docência, "O método de interpretação funcionalista na sociologia", intitulado "Conseqüências da interpretação funcionalista para a sociologia", Florestan Fernandes abre o capítulo com duas epígrafes que ressaltam duas influências - no mínimo conflitantes do ponto de vista teórico-sociológico, senão antagônicas do ponto de vista político - oriundas de sua formação intelectual na Universidade de São Paulo e na militância clandestina no Partido Socialista Revolucionário', vejamos:

Depois de ter, forçosamente, dividido e abstraído demais, é preciso que os sociólogos se esforcem em recompor o todo (MAUSS citado em FERNANDES 1959, p. 308).

A questão de saber se ao pensamento humano cabe verdade objetiva não é uma questão de teoria, mas uma questão de prática (MARX, citado em FERNANDES, 1959, p. 308).

A escolha destas epígrafes põe em relevo o diálogo permanente do autor com o pensamento de Marx. O que Fernandes deseja colocar em evidência é a dupla problemática do conhecimento, tal como a concebia: sob o ponto de vista teórico e sob o ponto de vista prático. Do ponto de vista teórico, a questão fundamental é a descoberta de métodos de investigação adequados à natureza dos fenômenos sociais; do ponto de vista prático, o problema é, nas palavras do autor, "obter conhecimentos que permitam: seja um melhor ajustamento dos homens às condições sociais de existência; seja a transformação dessas condições em um sentido socialmente

⁴ Ver F. Fernandes. *Fundamentos empíricos da explicação sociológica*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1959; *Elementos de Teoria Sociológica*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1974; *Ensaio de sociologia geral e aplicada*. São Paulo Pioneira, 1971; *A natureza sociológica da sociologia*. São Paulo, Ática, 1980; *A condição de sociólogo*. São Paulo, Hucitec, 1978.

⁵ Sobre a militância clandestina de Florestan Fernandes no Partido Socialista Revolucionário em meados dos anos 1940, ver E. V. Soares, *Florestan Fernandes, o militante solitário*. São Paulo: Cortez, 1997, pp. 33-40. Sobre o Partido Socialista Revolucionário ver H. Sacchetta. *O caldeirão das bruxas e outros escritos políticos*. Campinas: Pontes; Editora da Universidade de Campinas, 1992.

desejável" (FERNANDES, 1959, p. 308). Florestan Fernandes afirma que nem todo conhecimento é passível de dupla verificação, teórica e prática. O conhecimento pode ser útil sem ser, necessariamente, teoricamente relevante; assim como conhecimentos teóricos importantes podem não ter aplicação prática específica. Chama a atenção para o fato de que os métodos analíticos decompõem a realidade, compartimentando-a; e que ação exige, via de regra, uma "visão global da situação e a capacidade de apreender os elementos como parte de um todo", concluindo que os conhecimentos analíticos "não são de fácil exploração na prática" (FERNANDES, 1959, p. 308-309).

A tensão presente entre ciência e ação, sociologia e socialismo, na vida e na obra de Florestan Fernandes, bem como a dimensão dramática vivenciada nos primeiros anos das ciências sociais na Universidade de São Paulo, a revelação da vocação acadêmica onde ela pareceria improvável, a liderança (conflituosa) e a rápida consolidação (competitiva) de um grupo de pesquisadores⁶, a desarticulação da universidade pela ditadura civil-militar no final dos anos 1960, a densidade e a complexidade da obra de Florestan Fernandes, a virulência e o vigor de seu trabalho como publicista, todos estes elementos contribuíram para a produção de análises e autoanálises que exprimem e encobrem facetas importantes de seu pensamento. Florestan foi taxado ora de funcionalista (LARAIA, 1996), ora de marxista (PAIVA, 1991; COSTA, 2009), ora de eclético (COHN, 1986, 1987, 2005), até se chegar à tese da existência de uma "ruptura epistemológica" em sua obra (FREITAG, 1986).

⁶ Sobre a disputa no interior das ciências sociais na Universidade de São Paulo e o papel desempenhado por Florestan Fernandes à frente da cadeira de Sociologia I, ver C. Pulici. *Entre sociólogos: versões conflitivas da "condição de sociólogo" na USP dos anos 1950-1960*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/FAPESP, 2008.

⁷ Na tese da ruptura epistemológica Barbara Freitag (1986) argumenta que a obra de Florestan Fernandes divide-se em dois momentos. O primeiro no qual o autor se guia pela crença no conhecimento como forma de intervenção social, esta seria a fase do acadêmico-reformista, inspirado na concepção da sociologia aplicada de Karl Mannheim. O segundo momento seria o do militante revolucionário, no qual o autor assumiria uma concepção marxista, colocando o conhecimento a serviço da revolução socialista. O fator detonador da ruptura teria sido, na análise de Freitag, o estabelecimento da ditadura militar em 1964 e o seu recrudescimento em 1968 com o Ato Institucional n. 5 que permitiu, entre outras atrocidades, a aposentadoria compulsória de Florestan Fernandes no auge de sua carreira acadêmica, aos 49 anos de idade.

Ao refletir sobre sua própria trajetória, Fernandes refere-se ao período de formação como aquele "em que eu aprofundo o processo de aprendizagem e, ao mesmo tempo, em que eu me tomo o que seria depois: um sociólogo com pleno domínio da sociologia descritiva e da sociologia diferencial" (FERNANDES, 1978, p. 84). Se aceitarmos esse ponto de partida, faz-se necessário procurar compreender o período de formação de sua concepção de ciência e da relação entre ciência e consciência. Estamos diante de uma obra construída mediante contradições. São justamente as contradições, as tensões, os impasses e a necessidade de superá-los que colocaram Florestan Fernandes diante de dilemas teóricos e práticos para os quais a solução foi perseguida com rigor, controle racional das fontes, dos dados, com a utilização criativa das teorias e, em especial, como boa dose de autocontrole. Gabriel Cohn oferece uma visão penetrante a respeito do ser militante que é o cientista social Florestan Fernandes:

O Florestan militante não é apenas aquele que está tomando explicitamente posição diante dos problemas do dia, mas a sua postura militante, que talvez tenha um componente voluntarista, essa concepção militante está no cerne de sua obra, no interior de suas construções metodológicas, no interior da sua incorporação das aquisições teóricas e, portanto, está no interior de seus próprios esquemas analíticos. Esta disposição para articular modalidades diversas de acesso à realidade social, para mobilizar formulação metodológica e esquemas teóricos diversos no interior da mesma pesquisa, é uma maneira de dar conta dessa tensão entre a inserção prática angustiada, tensa - e, por que não dizer, em muitos momentos contraditória no seu mundo - e as exigências da consciência interna, do acabamento, da integridade da obra (COHN, 1987, p. 53).

Esta postura metodológica – que Cohn denomina de ecletismo bem temperado, e Peirano de abertura e relativização teórica e metodológica (1992, p.66) – deve ser compreendida no desenvolvimento da trajetória intelectual e da história de vida de Florestan Fernandes como fonte de sua originalidade. A respeito disso, o próprio autor fornece pistas dos elementos

constitutivos que foram distintivos em sua política acadêmica: a opção política pelo socialismo e o conhecimento da sociologia empírica americana e da teoria sociológica europeia:

O professor Baldus, que era um homem muito generoso, mas perspicaz e crítico, costumava dizer que 'na sociologia aplicada você [Fernandes] está pelo menos vinte anos mais adiantado do que qualquer outro'. E qual era o segredo desse adiantamento? Não tinha que ver com minha capacidade inventiva pessoal. No fundo, aproveitava as vantagens de uma situação estratégica. Para uma pessoa ligada ou voltada para o movimento socialista, que conhecia a contribuição dos sociólogos americanos na análise empírica dos problemas sociais e não ignorava a contribuição europeia centrada nos grandes conjuntos e nas transformações de estruturas globais, não era difícil ser original. Estes são os ingredientes do balanço teórico de maior envergadura que realizei em toda a minha carreira e que tomou por objeto o campo e os problemas da sociologia aplicada" (FERNANDES, 1978, p. 81-82).

Florestan Fernandes considera "*A organização social dos Tupinambá*" e "*A função social da guerra nas sociedades Tupinambá*" como o laboratório a partir do qual pode iniciar a experiência interpretativa de "ligar a comunidade com a sociedade e a civilização - de ver, através do microcosmo, os dilemas humanos e históricos do macrocosmo." Como já mencionei, essa análise teve como ponto de referência o ensaio de Marcel Mauss sobre os esquimó: "Apesar de todas as limitações da minha formação, eu já conhecia o suficiente de Mauss, para saber que não estava estudando apenas uma comunidade local, mas a civilização tupi. O que Mauss fez com os esquimós, eu fiz com os tupinambás" (FERNANDES, 1978, p. 85). A importância desses trabalhos é analisada por Florestan em vários níveis: no plano teórico, por exemplo:

Quanto ao mais, estudos teóricos, que fiz sobre organização social; sobre a guerra; e sobre as técnicas de explicação sociológica, deixam claro o quanto essas críticas são injustas e deslocadas. Não só elas ignoram

o **que** eu pretendia, podia e devia fazer; elas deixam completamente de lado o que a ciência não se faz de 'um dia para o outro'. Naquele momento, eu não era, apenas, um jovem abrindo o *seu caminho* dentro da sociologia. Eu abria também caminho para outros, que vinham depois e, de modo mais geral, para o desenvolvimento do pensamento sociológico no Brasil (FERNANDES, 1978, p.89-90).

Esse aspecto é fundamental para compreender a tarefa que o jovem sociólogo se colocava. O seu projeto não comportava apenas uma dimensão de projeção individual, mas algo mais ambicioso como a construção de alicerces para uma ciência social sobre e produzida no Brasil.

No plano metodológico, Florestan Fernandes afirma a premissa de que diferentes métodos sociológicos de interpretação referem-se a problemas distintos e, portanto, alternativos nas ciências sociais, tendo antes um caráter de complementaridade que de exclusividade. Desse modo, desde os escritos de 1952, Fernandes deixou clara a sua posição quanto ao objeto de estudo das ciências sociais e à articulação entre a diversidade dos problemas sociológicos e as abordagens metodológicas mais adequadas a cada tipo de problema. Respondendo a críticas formuladas em relação a não utilização do método dialético em seus estudos sobre os Tupinambá, afirmou:

para os que pensam que se pode estudar as relações sincrônicas de uma perspectiva dialética, relembro Marcel Mauss. Ele, por exemplo, estudou os esquimós, mas não achou necessário fazer análise dialética de sua sociedade e de sua civilização. Mesmo quando ele estuda o presente (ou a dádiva) através de uma análise comparada, ele não se impõe qualquer análise dialética. Por *que*? Porque as conexões que ele procurava investigar não eram conexões que exigissem a análise dialética. Ou a gente falsifica a análise dialética, no sentido vulgar da palavra falsificar - para converter análise dialética em uma espécie de cafiaspirina - ou então a gente procura a especificidade da análise dialética, descobrindo que a análise dialética só é válida para determinados tipos de problemas e, principalmente, para os problemas que

aparecem nos povos que têm um determinado tipo de história, a qual nasce da estrutura antagônica do modo de produção e de organização estratificada da sociedade, e se caracteriza pelo fato do presente negar o passado, como um elo com um futuro que não repete as 'estruturas existentes', porque no processo de se objetivarem e se reproduzirem elas se transformam" (FERNANDES, 1978, p.90-91).

Para defender o seu ponto de vista, Florestan Fernandes recorre a Mauss, estabelecendo um paralelo entre o seu trabalho e a obra do sociólogo francês. Para ele, Mauss havia superado a principal dificuldade do método de interpretação funcionalista legado por Durkheim, a saber, a "concepção tradicional de que a 'única' maneira realmente científica de explicação dos fenômenos sociais consistiria na interpretação do presente pelo passado". Aponta o *"Ensaio sobre as variações sazonárias nas sociedades esquimó"* como marco na história da sociologia por ter ido além das especulações sobre as implicações generalizadoras da explicação sociológica "ao mesmo tempo em que procurou assinalar os limites que separam as elaborações 'descritivas' e 'etnográficas' da pesquisa orientada para o estabelecimento de 'relações de certa generalidade'". Mauss também avançou no estabelecimento dos princípios "que se referem aos fundamentos lógicos da indução analítica por meio da investigação de conjuntos limitados de fenômenos" e, posteriormente, naqueles referentes "às regras de reconstrução interpretativa da vida social e à noção de 'sistema social'" (FERNANDES, 1959, p.214- 215).

O primeiro grupo de princípios é assim apresentado por Florestan Fernandes: a) a valorização científica dos estudos particulares na sociologia, segundo Mauss, "não existe uma sociedade, mas sociedades de esquimós, cuja civilização é bastante homogênea para que possam ser utilmente comparadas, e bastante diversificada para que essas comparações sejam fecundas" (MAUSS, citado em FERNANDES, 1959, p.215); b) a formulação de conexões essenciais (e não as conexões gerais) constituem o objeto da indução sociológica, de modo que:

quando uma relação é estabelecida em um caso, mesmo único, mas metódica e minuciosamente estudada, a realidade não é menos certa que quando, para a demonstrar,

é ela ilustrada com fatos numerosos, porém desconexos, de exemplos curiosos, todavia confusamente tirados de sociedades, de raças, de civilizações heterogêneas" (MAUSS, citado em FERNANDES, 1959, p.216).

Outro aspecto essencial diz respeito à superação da compreensão da sociedade a partir dos sistemas especiais (econômico, jurídico, religioso, moral) para sua apreensão como realidade social em sua diversidade e complexidade (totalidade). Daí resultam três princípios:

1º) o procedimento que consiste em investigar os sistemas especiais da sociedade é correto, mas à medida em que tem por fim a descoberta de conhecimento que permite estabelecer o grau de integração e de correspondência recíproca dos sistemas especiais na constituição do sistema social global; 2º) o objeto da explicação sociológica não é o conhecimento dos sistemas sociais especiais, mas dos sistemas totais, de modo que as operações de decomposição e de análise precisam ser complementadas por meio de operações de recomposição e de síntese, 3º) as operações de decomposição e análise precedem as de recomposição e síntese meramente por razões de ordem psicológica (ajustamento do sujeito à realidade investigada) e empírico-indutiva (condições de pesquisa científica no campo da sociologia)" (FERNANDES, 1959, p.217).

A noção de totalidade presente no conceito de sistema social ou sistema total bem como os procedimentos necessários à investigação e à explicação sociológica estão aí definidos. Florestan Fernandes encerra a exposição dessa série de princípios com palavras do próprio Mauss:

(...) cada um dos sistemas especiais não é senão uma parte do todo, do sistema social. Portanto, descrever um outro, sem ter em conta o fato dominante que eles formam um sistema, é tomar-se incapaz de os compreender. Porque, no fim da análise, o que existe é tal ou tal sociedade, tal ou tal sistema fechado, mecânico como se diz, de um número determinado de homens, ligados no conjunto

pelo sistema. Uma vez conhecidos todos os outros fatos e sistemas de fatos, é esta ligação geral que se precisa estudar (MAUSS, citado em FERNANDES, 1959, p. 217).

Mauss inaugurou, a partir da noção *defatosocial total*, uma concepção holista do objeto da sociologia que foi adotada por Florestan Fernandes ao analisar a sociedade e a civilização Tupinambá a partir da guerra. Peirano sublinha a originalidade de sua análise. Não se trata apenas de levar uma teoria à prova, mas comporta algo até então inédito no âmbito da sociologia e da sociologia que aqui se praticava.

Este fenômeno [a guerra] serviu como porta de entrada para o exame do sistema de parentesco, da economia, da religião, dos padrões morais, da cosmologia, da estrutura individual de personalidade [...] à simples sistematização da documentação, no entanto, o autor propõe tarefa mais ambiciosa: a de chegar à ordenação estrutural consciente e inconsciente da sociedade Tupinambá. Florestan Fernandes combina os papéis de etnógrafo e de analista e enfrenta o problema interpretativo resultante desta combinação através da utilização dos conceitos de função manifesta e função latente. Não se limitando à aparência dos dados, o autor quer interligar os fenômenos presentes na exegese nativa às suas 'funções' inconscientes e esta estratégia leva-o, por exemplo, a desvendar a motivação da guerra na sociedade Tupinambá como 'uma aplicação mágico-religiosa do princípio de reciprocidade'" (PEIRANO, 1992, p.67).

Na obra gêmea sobre os Tupinambá há uma apropriação do legado teórico e metodológico de Mauss no exercício interpretativo de Florestan Fernandes:

A monografia sobre *A Função Social da Guerra na Sociedade Tupinambá* tinha outra significação teórica, em si mesma e para mim. Foi a primeira tentativa que fiz de 'sair do chinelo' e de enfrentar o trabalho de elaboração teórica propriamente dito. A teoria que estava em jogo era a teoria da solidariedade coletiva nas

sociedades tribais, e é alguma coisa que eu só podia fazer depois de ter completado um trabalho de reconstrução pura e simples, como no livro anterior [...] De outro lado, procuro isolar as contribuições para o conhecimento da guerra: na sociedade Tupinambá e quanto à guerra como fenômeno social. Quer dizer que estabeleço níveis de generalização (FERNANDES, 1978, p. 87).

Ao analisar as contribuições metodológicas de Mauss para o avanço da interpretação funcionalista e como resposta a questões suscitadas na sociologia pela explicação empírico-indutiva de fenômenos sociais particulares, Fernandes destaca que "a importância do *'Essai sur les Variations Saisonnières des Sociétés. Étude de morphologie sociale'*, sob o ponto de vista indicado, ainda não foi devidamente assinalada, nem mesmo pelos especialistas que se dedicaram ao estudo da obra de Marcel Mauss" (Fernandes 1959, p. 215). Acredito que o mesmo pode ser dito em relação à ausência de estudo mais profundo a respeito da influência de Marcel Mauss na obra de Florestan Fernandes". Tentei aqui destacar o aspecto mais evidente desta influência nas obras em que o autor procura especificamente verificar a teoria da reciprocidade social compreendendo a guerra como um fato social total, isto é, como expressão do conjunto de relações que une os atores sociais no interior de uma sociedade, representam o próprio sistema social em funcionamento.

Para concluir, retomo ao argumento sobre a tensão constitutiva e construtiva da dimensão política na produção científica de Florestan Fernandes. O seu modo de fazer ciência era marcado por uma decisão política de afirmação de um conhecimento próprio, autônomo, criativo e universal sobre a nossa própria realidade. A superação da condição de dependência ou colonização cultural só poderia ser conquistada com o enfrentamento da tarefa de interpretar, compreender e explicar a formação da sociedade brasileira. Para tanto, a teoria não poderia ser concebida como um oráculo, mas como uma produção transitória de esclarecimento sobre uma dada realidade, um dado contexto social que, em sua perspectiva, deveria

⁸ Uma exceção é a tese de doutorado de Eduardo Viveiros de Castro que parte da análise de Florestan sobre os Tupinambá para desenvolver sua análise empírica dos Araweté. Ver. E. V. Castro, *Araweté: os deuses canibais*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1986.

se apreendido em sua totalidade. A escolha do método deveria se adequar a questões suscitadas pelo próprio objeto de investigação. O seu manejo deveria ser realizado com perícia, visando a ampliação e aprofundamento do conhecimento, jamais a sua cristalização. A metodologia deveria ser explorada como uma ferramenta. O sociólogo, para dar conta da árdua tarefa de compreender a si mesmo, compreendendo a sua sociedade e o seu tempo, teria de se tomar um artesão. Tem-se alçado a pecha de cientificismo a Florestan Fernandes, entretanto, a luta pela emancipação passa também pelo reconhecimento. O reconhecimento dentro do campo requer a legitimação. Fernandes usou todas as armas que tinha a seu alcance. Essa terá sido a principal lição da práxis sociológica de Florestan Fernandes. Sua aversão aos modismos intelectuais, aliada à busca de todos os meios possíveis para dar conta dos dilemas que tentou analisar, constitui a prova da experiência ímpar de emancipação cultural que é a sua obra.

Bibliografia

CANDIDO, A. 2001. *Florestan Fernandes*. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo.

COHN, G. 1986. Padrões e dilemas: o pensamento de Florestan Fernandes. *In: R. Moraes, R. Antunes e V. B. Ferrante (orgs.). Inteligência brasileira*. São Paulo: Brasiliense, pp.125-148.

_____. 1987. O ecletismo bem temperado. *In: M. A. D' Incao. (org) O saber militante: ensaios sobre Florestan Fernandes*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, pp. 48-53.

_____. 2005. Florestan Fernandes e o radicalismo plebeu em Sociologia. *Estudos Avançados*, 19 (55): pp. 245-250.

COSTA, D. V. A. 2009. As raízes ideológicas da sociologia de Florestan Fernandes. 2009. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

FERNANDES, F. 1959. método de interpretação funcionalista na sociologia. In: F. Fernandes, F. *Fundamentos empíricos da explicação sociológica*. São Paulo, Companhia Editora Nacional. pp. 189-345.

_____. 1970. *A função social social da guerra na sociedade Tupinambá*. São Paulo, Livraria Pioneira Editora, Editora da USP.

_____. 1971. *Ensaio de sociologia geral e aplicada*. São Paulo, Livraria Pioneira Editora.

_____ 1974. *Elementos de sociologia teórica*. São Paulo, Editora Nacional.

_____ 1977. *A sociologia no Brasil: contribuição para o estudo de sua formação e desenvolvimento*. Petrópolis, Vozes.

_____ . 1978. *A condição de sociólogo*. São Paulo, Hucitec.

_____ . 1980. *A natureza sociológica da sociologia*. São Paulo, Ática.

_____ . 1989. *A organização social dos Tupinambá*. São Paulo, Hucitec; Brasília, Editora UnB.

FERNANDES, H. 2008. Florestan Fernandes, um sociólogo socialista. In: H. Fernandes (compiladora). *Dominación y desigualdad: el dilema social latinoamericano*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores y CLACSO, pp. 9-35.

FREITAG, B. 1987. Democratização, universidade e revolução. En: M. A. D' Incao (org.). *O saber militante: ensaios sobre Florestan Fernandes*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. pp. 163-180.

GARCIA, S. G. 2002. *Destino ímpar: sobre a formação de Florestan Fernandes*. São Paulo: Editora 34.

HOLANDA, S. B. de. 2001. O semeador e o ladrilhador. In: S. B. Holanda. *Raízes do Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, pp. 93-138.

IANNI, O. 2004. Florestan Fernandes e a formação da sociologia brasileira. In: O. Ianni. *Pensamento social no Brasil*. Bauru, Edusc, pp. 307-348.

LARRAIA, R. B. 1986. Florestan Fernandes, o antropólogo. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 30: 9-11.

MAUSS, M. 1974. *Sociologia e antropologia*. São Paulo, Editora da USP, EPU.

PAIVA, C. A. N. 1991. Capitalismo dependente e (contra) revolução burguesa no Brasil: um estudo sobre a obra de Florestan Fernandes. Dissertação de Mestrado, Unicamp, Campinas.

PEIRANO, M. G. S. 1992. A antropologia de Florestan Fernandes. En: M. Periano. *Uma antropologia no plural: três experiências contemporâneas*. Brasília: Editora UnB, pp. 51-84.

PULICI, C. 2008. *Entre sociólogos: versões conflitivas da "condição de sociólogo" na USP dos anos 1950-1960*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/FAPESP, 2008.

SACCHETTA, H. 1992. *O caldeirão das bruxas e outros escritos políticos*. Campinas: Pontes; Editora da Universidade de Campinas.

SOARES, E. V. 1997. *Florestan Fernandes, o militante solitário*. São Paulo, Cortez.

VIVEIROS DE CASTRO, E. 1986. *Araweté: os deuses canibais*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.